

## (DES) CONSTRUINDO DISCURSOS SOBRE MÍDIA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE PEDAGOGIA CRÍTICA DA VISUALIDADE

Adah Kethlyn Braz<sup>1</sup>

(Universidade Federal da Paraíba)

*adahkethlyn@yahoo.com*

Fernanda Mendes Cabral Albuquerque Coelho<sup>2</sup>

(Universidade Federal da Paraíba)

*fmcabralcoelho@gmail.com*

### RESUMO

Esta pesquisa objetivou refletir sobre a presença da cultura visual no imaginário da criança proporcionando reflexões e sugestões pedagógicas sobre o ato de ver. Além de refletir sobre as concepções da pedagogia crítica da visualidade e suas implicações para o contexto da Educação Infantil, este estudo tomou como hipótese o fato de que a criança constrói estereótipos e visões do mundo social a partir de seu contato com as visualidades midiáticas em suas infinitas expressões, ou seja, as imagens constroem as culturas das crianças e as próprias culturas infantis influenciam a construção das imagens presentes nas mídias. Nesse sentido, importa não tratar Educação Infantil e Tecnologias como elementos antagônicos, mas sim, como polos de uma dialética maior. Adotou-se como estratégia metodológica, a pesquisa bibliográfica que parte de uma concepção dialética do conhecimento e está pautada nas contribuições de Sarmiento (2002; 2004) e Ariés (1978), Nascimento; Brancher; Oliveira (2008), Kramer (2003) dentre outros. Realizou-se ainda, uma análise documental utilizando como principal fonte os Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (RCNEIS) a fim de perceber indicações de como as imagens podem ser utilizadas pedagogicamente no currículo da primeira etapa da Educação Básica. Os resultados demonstram a necessidade de uma educação com/para as mídias utilizando as culturas visuais que estão à serviço de uma pedagogia crítica da visualidade como subsídio para o processo de ensino e aprendizagem no cotidiano da Educação Infantil. Propõem ainda, que educadores (as) estejam preparados para desenvolver a visão crítica dos educandos possibilitando o uso pedagógico das imagens em busca de realizar uma educação democrática e emancipatória de qualidade.

**Palavras chaves:** Educação Infantil, Mídia, Cultura visual, Pedagogia Crítica da Visualidade.

### 1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época de inúmeras transformações nos planos sociais, econômicos, políticos e culturais. Nesse sentido, um dos principais fatores que vem contribuindo para potencialização dos efeitos da chamada “sociedade tecnológica” é o fenômeno da globalização<sup>3</sup>. Este, associado às novas tecnologias, tem colaborado para o processo de

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia (UFPB) e especializanda em Psicopedagogia Institucional no Centro Integrado de Tecnologia e Pesquisa (CINTEP).

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação da (UFPB/PPGE). Professora da Escola de Educação Básica da UFPB (EEBAS).

midiatização da sociedade e conseqüentemente, para a centralidade da cultura visual por meio da difusão das imagens no mundo através dos meios de comunicação de massa.

A imagem está associada à lógica da informação e do consumo, de modo que, nos dias hodiernos, a experiência do homem contemporâneo não pode ser compreendida fora do binômio imagem e cultura. Uma sociedade capitalista industrializada, exige a utilização de meios culturais que colaborem para o movimento de universalização de informações, produtos, modismos, tendências, mensagens e, sobretudo para produção de padrões homogeneizadores de consumo a ser aderidos pelas pessoas. (HERNANDEZ,1997).

A escolha do tema visualidade atrelado à etapa de ensino da Educação infantil justifica-se pelo pressuposto de que as crianças possuem o seu modo característico de ver e perceber o mundo ao seu redor, porém a cultura da mídia vem em parte se tornando a principal referência para produção de significados, construções de modelos e regulação de valores e interesses por esses pequenos.

Nesse sentido, considerando o contexto sociocultural contemporâneo visibilizado no cenário midiático e suas influências diretas e indiretas na construção do imaginário infantil, tecemos alguns questionamentos tais como: a Educação Infantil tem construído espaços de significação cultural através do exercício crítico do olhar? Como estimular a sensibilidade estética em crianças a partir dos pressupostos da pedagogia crítica da visualidade? Tais questionamentos desdobram-se nas particularidades do contexto escolar e nos provocaram novas questões: como as imagens são apresentadas às crianças na Educação Infantil e como se dá o processo de percepção e interpretação dessas imagens pelas próprias crianças?

Tomamos como hipótese o fato de que a criança constrói estereótipos e visões do mundo social a partir de seu contato com as visualidades midiáticas em suas infinitas expressões, ou seja, as imagens constroem as culturas das crianças e as próprias culturas infantis influenciam a construção das imagens presentes nas mídias. Nesse sentido, esta pesquisa teve como objetivo principal refletir sobre a presença da cultura visual no imaginário da criança proporcionando reflexões e sugestões sobre o ato de ver.

## **2 METODOLOGIA**

Cursando o componente curricular Organização e Prática da Educação Infantil, no período 2015.1, ofertado no 5º período da graduação em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba, foi solicitado como avaliação final, a produção de um artigo baseado nos autores estudados sistematicamente durante o semestre letivo de

ministração da disciplina. Entre uma gama de autores sugeridos, escolhemos associar a temática da Cultura Visual, área de interesse da discente, com as contribuições teóricas da área da Educação Infantil do Doutor em Educação da Criança e professor associado da Universidade do Minho em Portugal Manuel José Sarmiento Pereira e dos construtos clássicos do historiador Philippe Ariès.

A pesquisa se utilizou das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental. A pesquisa bibliográfica, utilizada para fundamentar o estudo, serviu para adquirirmos os conhecimentos e as informações necessárias para assimilar e explorar determinados elementos, conceitos e aspectos pertinentes à temática. De acordo com Severino (2000), a documentação bibliográfica constitui um acervo de informações sistematizadas que existem sobre determinados assuntos dentro de uma área de saber.

Realizou-se ainda, uma análise documental utilizando como principal fonte os Referencias Curriculares Nacionais para Educação Infantil (RCNEIS) a fim de perceber indicações de como as imagens podem ser utilizadas pedagogicamente no currículo da primeira etapa da Educação Básica.

### **3 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

#### **3.1 Da Infância moderna à Infância contemporânea**

Compreender como se mostram as concepções de infância na contemporaneidade implica em realizarmos uma viagem no tempo, buscando subsídios para observar como tais questões foram sendo delineadas aliadas aos contextos sociais, econômicos e políticos de cada época específica. Diante disso, Nascimento; Brancher; Oliveira (2008) e Sarmiento (2004) afirmam que a infância, além de ser um período definido biologicamente como parte do início da vida humana, trata-se de uma construção cultural, social e histórica, que recebe diferentes representações devido às alterações do processo histórico e das condições e modos de viver das crianças na sociedade.

O sentido etimológico da palavra infância demonstra uma ideia de ausência de capacidade de expressão, a partícula latina *in* significa não, usada como prefixo, e o latim *fans* - *fantis*, participio presente de *fāri*, correspondente a falar, que significa ter a faculdade da fala. Portanto, o agrupamento das expressões forma o adjetivo latino *infans* - *infantis*, aquele que não fala, ou seja, que tem pouca idade e que ainda é criança.

Assim, o adjetivo *infantilis*, diz respeito à criança, e o substantivo *infantia*, caracteriza a incapacidade de falar, dificuldade em se expressar (VANTI, 2004, p.13).

Segundo a tradição filosófica ocidental, não ter linguagem significa não ter pensamento, não ter conhecimento, não ter racionalidade. Nesse sentido, de acordo com a autora na origem da palavra infância, fica visível que a criança é focalizada como um ser menor, vista, portanto como alguém que precisa ser protegida, moralizada e educada.

Durante a Idade Média não era possível fazer alusão a uma concepção ou sentimento de infância, uma vez que nessa fase as crianças eram vistas como “adultos em miniatura”. (ÀRIES, 1978; NASCIMENTO; BRANCHER; OLIVEIRA, 2008). Durante este período, as crianças acompanhavam e realizavam as mesmas atividades dos adultos, trabalhavam, participavam de festas, reuniões sociais, e tantas outras situações que desconsideravam suas limitações e especificidades de ser criança. Nesse contexto,

A criança tinha um papel social mínimo, sendo muitas vezes, considerada no mesmo nível que os animais (sobretudo pela altíssima mortalidade infantil, que impedia um forte investimento afetivo desde o nascimento), mas não na sua especificidade psicológica e física, a tal ponto que eram geralmente representadas como pequenos homens, tanto na vestimenta, como na participação na vida social. Até os seus brinquedos são os mesmos dos adultos e só com a Época Moderna é que se irá delineando uma separação (CAMBI, 1999, p. 176 apud TAVARES e SILVA 2013).

De acordo com Àries (1978), o sentimento de infância começou a delinear-se na Idade Moderna entre os séculos XVI e XVIII, com o Renascimento e o movimento iluminista, momento que concomitantemente começou a surgir uma preocupação maior com a saúde e educação das crianças e a ocorrer uma série de transformações na sociedade, na família e na escola.

Corroborando, Kramer afirma que (2003, p.19),

[...] a ideia de infância [...] aparece com a sociedade capitalista, urbano-industrial, na medida em que mudam a sua inserção e o papel social da criança na comunidade. Se na sociedade feudal, a criança exercia um papel produtivo direto ‘de adulto’ assim que ultrapassava o período de alta mortalidade, na sociedade burguesa ela passa a ser alguém que precisa de ser cuidada, escolarizada e preparada para uma função futura.

Ressaltamos que a preocupação com a escolarização das crianças passava antes de tudo pelo crivo da desigualdade social, uma vez que havia diferença entre a educação da criança rica e a da criança pobre. Segundo Tavares e Silva (2013) a criança burguesa tinha o direito a instrução, pois quando viesse a se tornar um indivíduo adulto iria assumir posições de privilégio na direção da sociedade, por outro lado a formação

da criança da classe popular era voltada simplesmente para a mão-de-obra.

Segundo Sarmiento (2004), a institucionalização da infância na modernidade no século XVIII ocorreu a partir de vários fatores tais como: a criação de instâncias públicas destinadas a escolarização das crianças, o recentramento do núcleo familiar na educação dos filhos, a formação de um conjunto de saberes sobre a criança, e a promoção de uma administração simbólica da infância.

Neste período, elaborou-se também, um conjunto de dispositivos no plano normativo a exemplo da Convenção dos Direitos da Criança<sup>4</sup> com apoio de órgãos internacionais, (como a UNICEF, a OIT e a OMS) a fim de se criar o quadro de uma infância global. Assim, se configurou uma administração simbólica da infância, através do estabelecimento de procedimentos, normas, atitudes e prescrições que eram impostas ao modo de vida das crianças, no que diz respeito a ambientes frequentados, alimentação, participação social. (SARMENTO, 2004).

O cuidado e a proteção dos filhos que antes eram confiados às amas de leite, passaram para a responsabilidade da família, no intuito de virem a acompanhar o desenvolvimento integral da criança. Tais mudanças, são acrescentadas da produção de saberes periciais e disciplinas designadas para a constituição de práticas técnicas para as famílias e instituições infantis tais como a pedagogia, a psicologia e a pediatria.

Baseando-se nos estudos de Sarmiento (2004), no final do século XX, considerado um período de reinstitucionalização da infância, todos estes fatores supracitados acima tiveram maior assentamento e sofreram reconfigurações, e aos mesmos foram acrescentados outros. Tais efeitos, trouxeram diversas consequências tais como “ desigualdades inerentes à condição social, ao gênero, à etnia, ao local de nascimento e residência e ao subgrupo a que cada criança pertence”. (SARMENTO 2004, p.6).

No contexto contemporâneo, marcado pela influência da globalização as crianças passaram a ser inseridas na economia tanto através do trabalho infantil considerado ilegal em países com um alto índice de pobreza como também por meio da lógica do consumo e do marketing na venda de produtos para a infância tais como: programas, vídeo, de televisão, cinema, desenhos animados, jogos informáticos, jogos de construção, literatura infanto-juvenil, parque temáticos, etc (SARMENTO, 2004).

---

<sup>4</sup>A Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança é um tratado que visa à proteção de crianças e adolescentes de todo o mundo, aprovada na Resolução 44/25 da Assembleia Geral das Nações Unidas, em 20 de novembro de 1989. (BRASIL,1990)

Tais acontecimentos, também contribuíram para o cruzamento das culturas, inclusive da infância. Para o autor, podemos falar de uma cultura infantil pelo fato dessa categoria possuir uma identidade e características próprias. Tal cultura, possui um caráter universal, visto que ultrapassa as fronteiras culturais, como é possível observar na utilização dos mesmos produtos culturais por crianças de várias partes do mundo, no gosto pelas mesmas brincadeiras, desenhos animados, vestuário dentre outros (SARMENTO, 2004).

Sobre essa questão, Postam (1999), faz uma crítica ao uso das mídias quanto a sua facilidade em permitir o acesso da criança ao universo adulto, que antes continham informações que eram restritas e que agora circulam na TV, internet, revistas, etc. Segundo o autor, a concepção de infância atual começa a entrar em declínio, devido aos efeitos da “adultização”, observados no comportamento, linguagem, atitudes e desejos das crianças.

### **3.2 A influência da cultura visual no imaginário infantil**

A nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), Lei n. 9.394/1996, no artigo 29, defende a Educação Infantil como “primeira etapa da Educação Básica, tendo como objetivo o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”.

Tendo em vista que este nível de ensino tem um papel fundamental no desenvolvimento social, psicológico e político da criança cabe a escola e aos professores (as) estarem conscientes da influência da cultura visual no imaginário infantil a fim de contribuírem para a formação de cidadãos críticos no contexto da sociedade atual.

Considerando que as crianças adentram ao ambiente escolar inseridas no universo e na cultura midiática veiculada pelos meios de comunicação de massa, é de responsabilidade da mesma, não se opor a este desafio e desenvolverem uma educação para as mídias. Segundo Sarmiento (2002, p.16) “a colonização do imaginário infantil pelo mercado é um dado da sociedade contemporânea que não se pode ignorar”.

Segundo (PAIVA, SOUZA e MENDES 2014, p.85):

A televisão não substitui o imaginário infantil, pelo contrário, atua como fonte enriquecedora da vida imaginária das crianças com as narrativas presentes em grande parte de sua programação. Desse modo, as crianças utilizam a televisão como objeto para suas brincadeiras, incorporando-a ao seu universo por meio dos mecanismos próprios que utilizam para compreender e interpretar seus conteúdos.

No que se refere à tendência da criança em alimentar a sua subjetividade e imaginário por meio de imagens e os conteúdos difundidos pela mídia, recorreremos às contribuições de Piaget (1978). Para o teórico o desenvolvimento do pensamento da criança está dividido em quatro grandes estágios: sensório-motor (0 - 2 anos), pré-operacional (2 - 7 anos), operacional concreto (7 - 11 anos) e operacional formal (a partir dos 11 - 12 anos).

De acordo com o autor, uma das características do estágio pré-operacional consiste no aparecimento da função simbólica. Esta por sua vez, permite que a criança represente os objetos ou acontecimentos fora do seu campo de percepção atual, por meio de símbolos ou signos diferenciados. É importante ainda destacar, que nesta fase a criança sente dificuldade para fazer a diferenciação entre a realidade e a fantasia.

Partindo do princípio de que as representações/visões de mundo da criança estão associadas ao desenvolvimento das suas formas simbólicas, ou seja, a sua capacidade de apreender a realidade por meio de conteúdos abstratos, podemos inferir que é no estágio pré-operacional (2-7anos) que a criança está mais vulnerável aos estímulos da mídia. Corroborando com esta afirmação, pesquisas realizadas pelo Instituto Alana<sup>5</sup> (2009, p.9), apontam que:

As crianças estão em fase de desenvolvimento e, por isso, não conseguem entender o caráter persuasivo ou as conotações irônicas embutidas nas mensagens publicitárias. Até aproximadamente os 8 anos de idade, elas misturam fantasia e realidade. E mesmo depois que consegue fazer tal distinção, é só aproximadamente aos 12 anos que tem condições de compreender o caráter persuasivo da publicidade.

A exposição das crianças às imagens e aos conteúdos imagéticos da sociedade podem exercer uma influência negativa ou positiva na formação da personalidade e subjetividades das mesmas. No primeiro caso, esta influência pode direcionar a constituição de um pensamento distorcido da realidade baseado na cultura consumista e em padrões e estereótipos. Entretanto, no segundo caso a presença dos artefatos visuais no universo infantil pode contribuir para a construção de conhecimentos e saberes da criança.

Conforme Sarmiento (2002, p. 3), “o imaginário infantil é inerente ao processo de formação e desenvolvimento da personalidade e racionalidade de cada criança concreta, mas isso acontece no contexto social e cultural que fornece as condições e as possibilidades deste processo”. Nesse sentido, visto que o desenvolvimento desses sujeitos ocorre em interação

---

<sup>5</sup> INSTITUTO ALANA. Por que a publicidade faz mal para as crianças. São Paulo, 2009. Disponível em: [www.alana.org.br/banco\\_arquivos/Arquivos/downloads/ebooks/por-que-a-publicidade-faz-mal-para-ascriancas.pdf](http://www.alana.org.br/banco_arquivos/Arquivos/downloads/ebooks/por-que-a-publicidade-faz-mal-para-ascriancas.pdf)>. Acesso em: 22 de junho.2016

com um ambiente social, a maneira como os estímulos materiais disponibilizados às crianças influenciam no seu imaginário depende em grande parte da forma como a mediação<sup>6</sup> é realizada pelos adultos seja no âmbito educacional ou em outros contextos.

### **3.3 Reflexões e sugestões sobre o uso pedagógico da imagem na Educação Infantil: uma análise à luz do RCNEIS.**

A presença das novas tecnologias coloca a questão da imagem ainda mais próxima da educação, no entanto pouco se tem discutido sobre o seu uso pedagógico especificamente na Educação Infantil. Faz-se necessário, que as crianças participem de experiências e situações de aprendizagens que as coloquem em contato e interação com esses meios, para motivar o desejo de aprender e incentivar a formação de um futuro leitor das múltiplas linguagens visuais. Todavia, o foco da questão está em torno da maneira em como são utilizadas as imagens na sala de aula.

A fim de orientar as práticas pedagógicas e contribuir com a implementação de uma educação de qualidade ofertadas às crianças desta fase, o documento Referenciais Curriculares para Educação Infantil (RCNEI's) elaborado pelo MEC, apresenta-se como um eixo norteador para a elaboração dos projetos educativos e dos currículos no interior das instituições e creches. Este por sua vez, no volume *Conhecimento de Mundo*, propõe que a criança deve ser capaz de *construir diferentes linguagens*, que favorecem a expressão, a interação e mediação com a cultura.

Dentre as diferentes linguagens que devem estar presentes no currículo da Educação Infantil e que servem como formas de expressão e comunicação humana destacamos a Artes Visuais. Conforme os RCNEIS (1998) este campo do conhecimento ao longo da história passou por bastantes preconceitos, visto que era trabalhada na escola apenas em atividades de passatempo ou em situações festivas e datas comemorativas onde eram necessárias a utilização de algum tipo de decoração e dramatizações.

A arte assume um papel fundamental na educação visto que ela possibilita ao educando o desenvolvimento de competências e habilidades ampliando as potencialidades cognitivas, afetivas, sociais e criativas da criança. Ela tem influência positiva na formação humana e na construção da personalidade dos sujeitos atuando como um canal de expressão de sentimentos e emoções.

---

<sup>6</sup> A mediação, segundo Vygotsky, é o processo pelo qual a ação do sujeito sobre o objeto é mediada por um determinado elemento Rego (1999).

Segundo os RCNEIS (1998):

A arte da criança, desde cedo, sofre influências da cultura, seja por meio de materiais e suportes com que faz seus trabalhos, seja pelas imagens e atos de produção artística que observa na TV, em revistas, em gibis, rótulos, estampas, obras de arte, trabalhos artísticos de outras crianças etc. (BRASIL, 1998, p. 88)

Considerando o fato de que as crianças constroem suas representações de mundo a partir das suas experiências e das relações que estabelece com o seu meio faz-se necessário perceber, como as imagens presentes nos diversos canais de comunicação, sobretudo no imaginário das crianças podem ser refletidas nos seus modos de ver, falar e expressar-se através de desenhos, pinturas etc.

Segundo Eisner (2008 apud SANTOS e FRATARI 2011, p.3):

há quatro coisas principais que as pessoas fazem com a arte. Elas fazem. Elas as vêem. Elas entendem o lugar da arte na cultura, através dos tempos. Elas fazem julgamentos sobre suas qualidades. Além disso, [...] as artes desenvolvem aspectos estéticos que estão relacionados à educação da visão, ao saboreio das imagens, à leitura do mundo em termos de cores, formas e espaço; e propiciam ao sujeito construir a sua interpretação do mundo, pensar sobre as artes e por meio das artes.

É vasto o que se pode adquirir e realizar através das artes como, por exemplo, desenhos, pinturas, colagens, modelagens, manuseio de diferentes materiais, construção de objetos, trabalho com as imagens etc. Este último por sua vez, envolve antes de tudo uma educação do/para o ver e a construção de formas diferentes de enxergar o mundo pelas crianças.

Entretanto, o uso pedagógico da imagem na Educação Infantil pelo educador requer das mesmo algumas habilidades tais como: condições para atuar como mediador entre a imagem e o educando, capacidade para formar um leitor visual que reflete sobre as imagens de forma crítica e sensibilidade para incentivar a potencialidade criativa da criança no que se refere as suas próprias produções.

O educador ao trabalhar com as imagens na sala de aula deve ter em mente de forma clara os objetivos que pretende alcançar no processo de aprendizagem. É preciso, pois que o uso da televisão para exibição de filmes e desenhos, por exemplo, seja visto como instrumento de ensino que deve ser explorado em suas possibilidades e não como um simples veículo de entretenimento para as crianças.

Considerando o fato das crianças estarem em uma fase de desenvolvimento de referências, valores, padrões e modelos existentes na sociedade,

cabe aos educadores da Educação Infantil, não secundarizarem a importância da seleção correta de filmes e desenhos e a sua posterior atividade pedagógica.

No que concerne às produções das crianças, em sua maioria resultantes da reprodução de formas já vistas, pré-determinadas e divulgadas através dos meios de comunicação de massa, cabe ao educador ampliar a visão da criança oportunizando a expressão livre, o exercício de sua imaginação e o desenvolvimento da sua linguagem gráfico- plástica.

O trabalho feito com a leitura de imagens na Educação Infantil depende, portanto, de uma boa formação profissional do educador visto que este precisa levar os alunos a interpretar e a descreverem o que vêem. É necessário que o mesmo dialogue, instigue e provoque os educandos a verbalizarem o conteúdo da imagem e posteriormente organizar atividades pedagógicas em torno das mesmas. Conforme o (BRASIL, 1998, p.104) segue as seguintes orientações didáticas sobre o uso pedagógico da imagem nesta fase:

As crianças têm prazer em reconhecer certas figuras, identificando-as às personagens de uma história já conhecida, de um desenho e, até mesmo, de alguns filmes vistos na televisão. Então, a partir da visualização de certas imagens, o professor poderá trabalhar com essas personagens por meio de jogos simbólicos, fazendo pequenas dramatizações dentro do próprio espaço que a sala oferece, aproveitando os objetos presentes. As crianças podem observar imagem figurativas fixas ou em movimento e produções abstratas. Se for dada a oportunidade para o trabalho com objetos e imagens da produção artística (regional, nacional ou internacional), se for possibilitado o contato com artistas, as visitas às exposições etc

Portanto, percebermos o quanto é importante que o educador saiba abrir o leque de oportunidades para se trabalhar os conteúdos imagéticos dentro da sala de aula com as crianças. É fundamental, portanto, que elas sejam provocadas para educarem o seu olhar oferecendo as mesmas através de uma pedagogia crítica oportunidade para desenvolverem sua autonomia, produzirem suas próprias imagens e realizarem descobertas e experiências significativas em torno das mesmas.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo teve como objetivo refletir sobre a presença da cultura visual no imaginário da criança proporcionando reflexões e sugestões pedagógicas sobre o ato de ver a partir dos Referenciais Curriculares Nacionais para Educação Infantil (RCNEIS). Discorrer sobre esta temática, nos possibilitou enxergar o impacto do entorno social, sobretudo das mídias na representação social da infância contemporânea.

Embora as condições das crianças no que concerne os seus aspectos sociais e culturais sejam heterogêneas, é preciso focar na utilização das imagens e no papel que elas têm exercido no âmbito doméstico e educativo da infância.

Propomos desta forma, chamar atenção para uma educação sob novos pilares que busque considerar e observar a criança na prática como sujeito do seu processo de aprendizagem e como um ser capaz de produzir saberes, conhecimentos, cultura e de, sobretudo resistirem a ideologias dominadoras e violentas presentes em muitas imagens veiculadas na televisão, internet, propagandas e nas redes de produtos para infância.

A educação com e/ para as mídias envolve a concepção de uma criança cidadã que ocupa um lugar importante na sociedade e que nestes termos deve ser respeitada em seus pontos de vista e, sobretudo em sua fala e modo de expressar-se. Assim, a cultura visual presente nos tempos atuais, deve ser utilizada a serviço de uma pedagogia crítica da visualidade que busque formar crianças para trabalhar com os conteúdos imagéticos de uma maneira diferente, ou seja, a favor de um ideário de autonomia e liberdade em contraposição as intenções do mercado de produtos culturais que visa aguçar o consumismo e reproduzir visões distorcidas de mundo.

A utilização das imagens no currículo da Educação infantil pressupõe antes de tudo, educadores (as) que saibam relacionar as linguagens presentes nos meios de comunicação em seus processos pedagógicos de ensino-aprendizagem. Deste modo, cabem a estes, possuir as habilidades necessárias para potencializar o desenvolvimento das crianças e garantirem que estes pequenos adquiram uma visão crítica sobre o que tanto interessam a eles que é o universo colorido e multiforme das imagens em busca de realizar uma educação democrática e emancipatória de qualidade.

## 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN**. Lei n. 9.394/96. Brasília, 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 1, 2, 3, 1998.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**/Fernando Hernández; tradução Jussara Haubert Rodrigues. - Porto Alegre: Artmed, 2000.

KRAMER. **A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce**. São Paulo: Cortez, 2003.

NASCIMENTO, C. T; B., V. R; de O., V. F. **A Construção Social do Conceito de Infância: uma tentativa de reconstrução historiográfica** Social Construction of the Childhood Concept: an attempt for historiography reconstruction. **Linhas**, v. 9, n. 1, 2008. Disponível em <[www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/download/.../1191](http://www.periodicos.udesc.br/index.php/linhas/article/download/.../1191)>. Acesso: 05/06/2014.

PAIVA, Maria Soberana; SOUZA, Karlla Christine Araújo; DA COSTA MENDES, Marcília Luzia Gomes. **O mundo imaginário da publicidade infantil**. Comunicação Mídia e Consumo, v. 11, n. 32, p. 73-92, 2015.

PIAGET, J. A formação do símbolo na criança. **Imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro: Grafhia Editorial, 1999.

SANTOS do, M.A, & Fratari. D.H.M. **Artes Visuais na Educação Infantil**. Artigo elaborado para a conclusão do curso Graduação em Pedagogia da Faculdade Católica de Uberlândia-MG, 2011. Disponível em <<http://catolicaonline.com.br/revistadacatolica2/artigosv3n5/artigo30.pdf>>. Acesso em: 02/06/2015.

SARMENTO, M. J. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. **Crianças e miúdos: perspectivas sócio-pedagógicas da infância e educação**. Porto: Asa, p. 9-34, 2004. Disponível em <[cedic.iec.uminho.pt/textos\\_de\\_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf](http://cedic.iec.uminho.pt/textos_de_trabalho/textos/encruzilhadas.pdf)>. Acesso em :28/05/2014.

SARMENTO, M.J. **Imaginário e culturas da infância**. Cadernos de Educação, v. 21, p. 51-69, 2003. Disponível em <[www.titosenfaed.udesc.br/...infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf](http://www.titosenfaed.udesc.br/...infancia/Cultura%20na%20Infancia.pdf)>. Acesso em :03/06/2015.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. – 21.ed. ver. e. ampl. – São Paulo: Cortez, 2000.

TAVARES, K. M. S., & da Silva, R. D. C. M. **Currículo na Educação Infantil: Um diálogo entre propostas e práticas**. In: Revista do Difere – ISSN 21796505, v.3, n.5, jun/2013. Disponível em <<http://www.artificios.ufpa.br/Artigos/Dossi%C3%AA%20Rita%20Melem%20e%20Keila.pdf>>. Acesso em: 03/06/2017.

VANTI, E. dos S. **Lições da Infância: Reflexões sobre a História da Educação Infantil**. Pelotas: Seiva Publicações, 2004. 171p.